

BUSCANDO COMPREENDER COMO SE CONSTITUI A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DA ROTINA DE UMA DETERMINADA SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana de Jesus Nascimento

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Soraia de Jesus Nascimento

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Thaíla de Jesus Bastos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Ana Lúcia Santos Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Resumo: discussões atuais em torno da Educação Infantil, tem focado a necessidade do respeito à cidadania infantil, tanto na organização das instituições, quanto no desenvolvimento das práticas pedagógicas pelos professores de crianças de 0 a 5 anos. No Brasil, a partir de 1990, presenciamos um significativo aparato normativo para a educação de crianças, tendo como eixo norteador o cuidar-educar-brincar. O presente trabalho surgiu após uma atividade de observação realizada em uma instituição municipal de educação infantil, do município de Jequié/BA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, onde buscamos compreender como se organiza o espaço, bem como a rotina escolar e prática pedagógica na instituição. Os resultados apontaram para a necessidade de implementação das novas propostas curriculares e discussões sobre a Educação Infantil, que consideram a criança como sujeito de direitos e aponta para a importância da intencionalidade educativa no cotidiano das creches e pré-escolas. Além disso, há a necessidade de repensar o papel e a formação do professor de crianças de 0 a 5 anos. Ademais, a pesquisa nos possibilitou uma análise reflexiva da organização do espaço, da rotina escolar e da prática docente encontrada.

Palavras-chave: Organização do espaço escolar. Prática docente. Rotina.

Introdução

Notamos que principalmente a partir dos anos 90, as discussões em torno da educação infantil são crescentes, colocando em pauta questões como: cidadania infantil, intencionalidade pedagógica tripé educar-cuidar-brincar, cotidiano de creches e pré-escolas, organização dos

espaços para as crianças, formação dos educadores infantis, dentre outros (CAMPOS, 1999; CORSINO, 2009).

Sem dúvidas, as conquistas no campo legal são muitas, mas que ainda precisam ser materializadas no chão das instituições de educação infantil, pois “se, no campo da legislação, as conquistas em direção ao reconhecimento da cidadania infantil avançam, cabe questionar se este avanço se reflete na vivência cotidiana de meninos e meninas nas instituições de educação infantil”. (MICARELLO, 2013, p. 24).

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de observação na disciplina Educação Infantil II, cujo objetivo é compreender a organização, a rotina e a prática pedagógica no interior de uma instituição de educação infantil do município de Jequié/BA. De acordo com Gil (1999), a técnica de observação é muito importante para a pesquisa e esta se realiza pela aplicação dos sentidos humanos com vistas à compreensão de aspectos da realidade.

A pesquisa foi realizada no turno vespertino, no dia 05 de julho de 2017, em uma sala com crianças de 5 anos de idade. Observamos os seguintes aspectos: organização e estrutura da instituição, rotina, prática pedagógica e perfil docente.

Mantivemos o olhar atento em todos os momentos, desde a entrada à escola até o momento de saída. O espaço escolar, os funcionários e os alunos, enfim, todo aquele espaço escolar e tudo que nele foi observado, resultou em bons resultados para a construção da nossa prática como professoras. Fazemos uma reflexão com a certeza do que Paulo Freire diz “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Avançamos ainda mais com a reflexão sobre as palavras de Freire

Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2015, p. 68)

Os dados coletados durante a observação, serão apresentados e discutidos a seguir.

Análise da organização do espaço e possíveis reflexões

Quando adentramos à instituição, notamos que é pequena, com três salas em funcionamento nos turnos matutino e vespertino. Sobre o corpo técnico e pedagógico, a instituição conta com: diretora, coordenadora, secretária, três professoras, uma professora auxiliar, duas estagiárias, um porteiro, uma merendeira e três pessoas na equipe de apoio. A sala observada possuía duas professoras: uma professora regente e uma professora auxiliar.

Ao chegarmos à escola, fomos bem recebidas pela diretora, explicamos sobre a atividade de observação e ela compreendeu a importância da realização da mesma. Logo após, a diretora nos levou à sala onde realizamos a observação e nos apresentou à professora auxiliar e às crianças, explicando aos alunos e à auxiliar a atividade que estaríamos realizando naquele ambiente. A auxiliar apresentava-se muito tranquila com a nossa presença, já os alunos ficaram um pouco vergonhosos e curiosos ao mesmo tempo, porém rapidamente se acostumaram.

Quando a diretora nos apresentou para os alunos, falou para as crianças que iríamos anotar tudo o que eles faziam para contar para ela depois, com certeza, tentando garantir que os alunos ficassem quietos durante a nossa presença, pois foi perceptível que a mesma amedrontou os alunos com a sua fala. Já de início, nos deparamos com uma prática educativa preocupada em manter o silêncio. Quando a professora regente chegou e enquanto os alunos também iam chegando, a diretora chamou a professora na secretaria e a professora auxiliar continuou na sala “recepcionando os alunos”. No momento de chegada dos alunos, os pais os trouxeram até a porta da sala, outros, até o portão da escola e eles iam para as suas salas. Os alunos entravam e escolhiam o seu lugar para sentar, sem nenhuma atenção da professora auxiliar. Alguns davam “boa tarde” na entrada para a sala, outros, entravam em silêncio e sentavam. A professora auxiliar em nenhum momento cumprimentou as crianças, apenas respondia às que lhe perguntava alguma coisa.

Pensar a organização do espaço de uma sala de aula, nos permite refletir sobre várias questões ligadas diretamente ao desenvolvimento de cada aluno, portanto, iremos aos poucos analisando a organização da sala observada, tentando promover reflexões que possam contribuir para pensar-se outros possíveis caminhos que possam ser percorridos. Começaremos observando a seguinte afirmação de Maria da Graça Souza Horn, quando afirma:

As escolas de educação infantil têm na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua nesse cenário. Portanto, qualquer professor tem, na realidade, uma concepção pedagógica explicitada no modo como planeja suas aulas, na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços na sala de aula... (HORN, 2004, p. 61 APUD NONO, 2011, p.2).

É muito importante que a sala de aula seja um ambiente agradável, tranquilo e acessível para que facilite no desenvolvimento integral da criança. Formos percebendo o quanto a organização do ambiente diz sobre as concepções presentes naquele espaço. E o quanto a prática pedagógica da professora estava entrelaçada e pode ser percebida também através da disposição da sala de aula. No entanto, apontar apenas para o que foi deixado de fazer ou o que foi feito, não é suficiente, segundo Demo (2002) “ciência não se basta com simples descrições (como as coisas são) mas busca razões (por que são). ” (p.102). E é neste sentido que pretendemos caminhar. Iremos agora analisar o ambiente encontrado e tentar promover algumas reflexões acerca do mesmo.

A Escola observada possui três salas de aula, sendo todas da Educação Infantil, duas salas para alunos de 5 anos de idade e uma para alunos com 4 anos. Observamos uma das salas de crianças de 5 anos, a qual possui uma média de 27 alunos matriculados e 22 frequentes, duas professoras, sendo uma considerada como professora regente efetiva e a outra como professora estagiária auxiliar. A professora regente é graduada em Pedagogia e tem especialização em Educação Infantil e a professora auxiliar é graduanda em Pedagogia. Segundo relatos das mesmas, a professora regente estava reabilitada e teve que voltar para sala de aula por motivos maiores e a estagiária, foi transferida para a referida escola há quinze dias da nossa observação.

Na sala, as cadeiras dos alunos estavam organizadas em grupos, na maioria com quatro alunos, que geralmente sentavam separados por gênero, menino com menino e menina com menina. A maioria das meninas sentavam de um lado da sala e a maioria dos meninos do lado oposto. Não promovendo uma interação entre todos os alunos, independente de gênero ou qualquer outra diferença, a escola acaba por reforçar as relações de dominação presentes em nossa sociedade. Segundo o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, é também função sociopolítica e pedagógica da escola contribuir para, “o rompimento de relações

de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa que ainda marcam nossa sociedade. ” (p.6).

A mesa onde ficavam as duas professoras, estava no centro da sala, onde as duas passaram maior parte do decorrer da aula. E no meio da sala, ficava um espaço livre, o qual foi utilizado para rodinha. Até mesmo a localização das mesas, podem nos dizer muito sobre as práticas pedagógicas enraizadas no chão da escola, como Horn nos afirma

em uma concepção educacional que compreende o ensinar e o aprender em uma relação de mão única, ou seja, o professor ensina e o aluno aprende, toda a organização do espaço girará em torno da figura do professor. As mesas e as cadeiras ocuparão espaços privilegiados na sala de aula, e todas as ações das crianças dependerão de seu comando, de sua concordância e aquiescência. (HORN, 2004, p. 61 APUD NONO, 2011, p.2-3).

Foi essa organização, na qual o professor ocupa um lugar privilegiado que encontramos na escola observada.

Os livros e brinquedos estavam visíveis para os alunos, porém, não muito acessíveis. Os livros, por exemplo, estavam colocados em uma espécie de prateleira, um pouco alta, a qual dificultava que os alunos pudessem pegar. Os alunos pegavam os livros, porém com um pouco de dificuldade, devido à altura inconveniente, geralmente os livros caíam no chão. Além disso, a quantidade de livros disponibilizados era menor que o número de alunos e isso fazia com que os alunos acabassem entrando em conflito para disputar os livros. Já os brinquedos, estavam divididos em dois lugares, dentro de um balde grande, maior que as próprias crianças e em uma prateleira que estava na altura deles, porém com um excesso muito grande de brinquedos, dificultando na hora de pegar e guardar.

A sala possui bastante cartazes, porém alguns ficam em disposição muito alta, como por exemplo, o alfabeto e os numerais. Encontramos os seguintes cartazes na sala: “alfabeto”, “números”, “nossos combinados”, “aniversariantes do mês”, “como está o tempo hoje? ”, “eu tenho um nome”, “chamadinha”, “o varal de atividades” e algumas outras atividades realizadas por eles. Nesse dia, a professora utilizou apenas o cartaz da chamadinha. O ambiente também era pouco colorido. Nesse espaço da sala, sentimos a falta de algum cantinho mais aconchegante que permitisse uma interação autônoma das crianças e até mesmo, realizar o relaxamento após o

intervalo. Para pensarmos em outras possibilidades de organização do espaço, nos utilizaremos da fala de Montessori (1936), quando ela diz:

O primeiro fator da educação é “o ambiente agradável e tranquilo” que se facilite à criança, “sem restrição”, e dele faz também parte o adulto. O ambiente “facilita a expansão do ser em desenvolvimento, reduzindo os obstáculos o mínimo possível. O ambiente reconhece as energias, porque oferece os meios necessários para o desenvolvimento da atividade delas derivada”. (apud FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA, 2007, p. 155)

Complementando a afirmação de Montessori, para que possamos de fato perceber as influências da organização do espaço escolar, Camargo (2008), nos dá subsídios com a seguinte contribuição, quando diz que:

Os espaços de nossa infância nos marcam profundamente. Sejam eles berço, casa, rua, praça, creche, escola, cidade, país, sejam eles bonitos ou feios, confortáveis ou não, o fato é que influenciam definitivamente nossa maneira de vermos o mundo e de nos relacionarmos com ele. (CAMARGO, 2008, p. 45 apud NONO, 2011, p.8)

No entanto, Maévi Anabel Nono, nos possibilita pensar alguns supostos motivos desse espaço muitas vezes não estarem organizado como gostaríamos de encontrá-los,

É claro que, muitas vezes, o professor ou a professora desejam reorganizar o espaço de sua sala mas encontram alguns obstáculos como falta de recursos, falta de apoio da equipe gestora da escola, condições inadequadas da própria escola de Educação Infantil. Mas, em muitos casos, há mesmo uma lacuna na formação do professor que o impede de pensar a organização de sua sala. (NONO, 2011, p.6)

Para pensar a organização do espaço na Educação Infantil é necessário que o educador esteja sempre atento para como que as crianças costumam brincar, pois, no decorrer das brincadeiras, pode ser percebido o que a criança mais gosta de fazer e em que tipo de espaço ela quer estar.

Análise da rotina e possíveis reflexões

Observamos que a prática pedagógica da professora segue uma rotina e ela inicia sua aula com a rodinha. Esse é um momento muito importante para acontecer interação entre o professor e

os alunos. Pois, na Educação Infantil é fundamental que a rotina seja mantida, sendo assim, sobre a afirmação de Massena, definimos rotina como

uma prática com diferentes ações que ocorrem em nosso cotidiano. Ela possibilita que a criança oriente-se na relação espaço/tempo, reconhecendo seu andamento, dando sugestões e propondo mudanças. Levando em consideração as necessidades da criança, é fundamental que dentre os elementos que compõem a rotina façam parte os horários de alimentação, higiene, escovação de dentes, calendário, chamada, roda de música, oração, momento da novidade, ajudante do dia, hora do conto, repouso, atividades lúdicas e significativas, jogos diversificados como faz-de-conta, exploração de diversos materiais, ou seja, atividades que estimulem o desenvolvimento da criança. (apud BILÓRIA; METZNER, 2011)

A rotina da classe deve proporcionar a construção do conhecimento do aluno, essas interações estabelecem entre o aluno e o professor uma relação natural. O educando interage no ambiente, modificando-o, sendo complexo ou não complexo. Nesse sentido, Piaget (1970), afirma:

O sujeito atua sobre o ambiente modificando-o e simultaneamente é modificado pela informação que provém do ambiente. Tal fato pressupõe um sistema cognitivo ativo, pois o sujeito seleciona e interpreta ativamente a informação procedente do meio para construir o seu próprio conhecimento. Nessa concepção, a mente não copia a realidade, aceitando-a passivamente como algo de acordo com o seu quadro mental em um dado momento. (apud FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA, 2007, p. 704).

Quando a professora chegou da secretaria, deu boa tarde para os alunos, “boa tarde, crianças!” (Os alunos continuaram dispersos e fazendo barulho), então ela diz, “psiuuu... Silêncio! Vamos fazer a rodinha?”. As crianças pegaram suas cadeiras com a ajuda da auxiliar e fizeram a rodinha.

A rodinha começou com a oração “Pai nosso”. A professora fez o sinal de oração com as suas mãos e começou a orar. Ela esperou que os alunos também fizessem o sinal e repetissem a oração junto com ela, porém, nem todos os alunos fizeram e alguns ficaram conversando. Então, a professora foi passando e pegando na mão de um em um, fazendo o símbolo de oração, mandando fazer silêncio e repetir o que ela falava.

Após a oração, cantou algumas músicas e depois falou brevemente como estava o tempo. Porém, não utilizou o cartaz do tempo e o calendário que estavam fixados na parede, sendo ambos,

materiais de apoio pedagógico que deveriam ser utilizados por ela. Ainda na rodinha, a auxiliar colocou no chão alguns tubarões com os nomes de cada aluno escrito individualmente. No momento que a professora ia fazendo a chamada na caderneta, os alunos iam pegando os tubarões com seus nomes e colocando em um cartaz com imã que estava fixado na parede da altura deles (faltaram tubarões com os nomes de alguns alunos e a auxiliar foi fazendo durante a aula).

Em seguida, a professora começou a falar sobre o frio e a estação inverno, simultaneamente deu imagens para as crianças olharem de pessoas do campo e da cidade durante o inverno e o verão. As crianças olharam as imagens rapidamente. A professora perguntou se elas viram a diferença das roupas que as pessoas usavam no verão e no inverno e mandou fazer uma fila para elas irem nos arredores da escola, a fim de perceber como as pessoas estavam vestidas. A professora falou que elas iriam olhar na vizinhança da escola, porém, foram apenas à secretaria, cozinha e nas duas outras salas da escola. Todavia, mesmo o passeio sendo apenas dentro da escola e não ao seu redor como a professora tinha prometido, em nenhum momento percebemos ela estimulando as crianças a observarem as roupas das pessoas, ou qualquer outro tipo de reflexão, foi apenas um ir por ir sem nenhuma intencionalidade. Pois, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as atividades precisam ser intencionalmente planejadas. E de acordo Danilo Gandin,

Por tudo isso, o que distingue o planejamento no campo social é a necessidade de dar espírito às rotinas, isto é, de realizá-las construindo uma ideia. É necessário, para que se fale em planejamento, que elas sejam realizadas com clareza, para algo definido, e não como ações formalizadas, sem finalidade e sem a compreensão humana do que se faz. (GANDIN, 1993, p. 52)

Como o passeio foi bem curto, a professora deixou as crianças brincando em um espaço aberto dentro da escola. Esse espaço é uma área pequena, sem brinquedos educativos e sem área verde. Ela nos disse que iria fazer uma brincadeira com eles, mas quando ela estava tentando lembrar uma brincadeira para fazer, começou a chover e os alunos saíram correndo para a sala. Ela pediu para voltarem, mas as crianças não a atenderam. Provavelmente a professora não tinha planejado a sua aula ou teve que mudar o seu roteiro, não se sabe o motivo que resultou em uma aula baseada no imprevisto, na qual a professora em momento algum, conseguiu prender a atenção

dos alunos. O professor a todo momento deve estar em estado de observação pois, “o professor precisa conhecer seu aluno para entender suas tentativas de significar a realidade, o que não se dá por um processo linear, mas por confrontos, dúvidas e conflitos” (Vygotsky 1993).

Os alunos voltaram para sala e ficaram esperando o horário de lavar as mãos. Como a professora não propôs nenhuma outra atividade e não perguntou nada sobre o passeio, enquanto dava o horário de lavar as mãos, os alunos começaram a pegar os brinquedos e os livros e ficaram brincando sem nenhuma mediação da professora e da auxiliar. Nesse momento, os alunos brigavam, saíam da sala toda hora, corriam dentro da sala, e as professoras ficaram apenas indo buscar os alunos que estavam fora da sala e ao mesmo tempo, que faziam outras coisas em suas mesas.

Na hora de levar as crianças para lavar as mãos, a professora separou meninos de meninas e mandou a auxiliar levar uma fila e depois a outra. Lavaram as mãos e voltaram para a sala. Esperaram o lanche que é servido na sala, pois a escola não tem um refeitório, em seguida, foram brincar no pátio da escola. No intervalo, os alunos das três salas brincaram todos juntos e as professoras ficaram sentadas no pátio olhando as crianças para não se machucarem. No intervalo, percebemos que a maioria brinca de correr e não existe nenhuma atividade que promova a interação das crianças com as professoras e/ou com outras crianças, pois elas brincaram, na maioria do tempo, com seus amigos da sala.

Depois do intervalo, a professora quando chegou na sala, fechou as janelas e apagou as luzes, deixando o ambiente com pouca luz para realizar o “relaxamento” de 15 minutos. Os alunos deitaram no chão frio e outros abaixaram as cabeças em suas mesas para fazer o relaxamento. A professora pediu para eles fazerem silêncio e relaxar. Um dos alunos questionou sobre a música do relaxamento, então ela pediu para a auxiliar colocar a música no DVD. Porém, a auxiliar não conseguiu ligar o DVD, então realizaram a atividade sem a música. Entretanto, no momento do relaxamento, os alunos faziam de tudo, menos relaxar. Por achar que alguns alunos estavam atrapalhando o momento de relaxamento, a professora enviou-os para a secretaria, afirmando que lá a diretora teria um diálogo com eles para que os mesmos repensassem o seu comportamento, pois daquela forma, sem obediência, eles estavam atrapalhando a aula e os colegas. O momento do relaxamento é para ser prazeroso, tranquilo e adequado, desejado pelos os alunos. Sobre esse

momento de relaxar, Froebel nos ajudar a fazer uma reflexão não só do momento de relaxar como também dos vários sentimentos presentes na vida humana.

Relaxamento, alegria e sorriso indicam nos sentimentos da criança, a vida humana na criança (...). Agitação, tristezas, lágrimas indicam em sua primeira aparência o que é oposto ao desenvolvimento da criança, do ser humano. (FROEBEL, 1896, p.22 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, KISHIMOTO E PINAZZA, 2007.)

Em seguida, após o relaxamento, as professoras entregaram uma atividade impressa para os alunos. Quando eles foram perguntar como era para fazer a atividade, as professoras foram dizendo as respostas e os alunos apenas pintavam da cor que elas mandaram pintar. Em nenhum momento, deixaram os alunos pensarem qual cores iriam usar para cada parte da imagem, foram falando e os alunos só fizeram ouvir e pintar. Porém,

O trabalho pedagógico na unidade de Educação Infantil, em um mundo em que a reprodução em massa sufoca o olhar das pessoas e apaga singularidades, deve voltar-se para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências. (DCNEI, 2009, p.9)

Portanto, devem ser consideradas as respostas das crianças e a sua capacidade de formulá-las. Pois, “(...) formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas; (...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996). Vygotsky (1993) completa “(...) As atividades que uma criança é capaz de resolver são consideradas como indicadores de suas possibilidades e determinam seu nível de desenvolvimento”.

É importante e necessário que o educador ofereça aos seus alunos um ensino-aprendizagem de qualidade, consciente de que esse ensino é direito dos educandos. E faça reflexão diária de que a criança é um ser ativo, reflexivo, capaz de explorar novos caminhos para aprender. Segundo Malaguzzi:

Foi tomar essa criança o centro de sua pedagogia, que a reconhece como ativo, inventiva, envolvida, capaz de explorar, curiosa, aceitando o desafio de exprimir-se nas mais diferentes linguagens com as mais diferentes intensidades. (MALAGUZZI, 1992, p. 19 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, KISHIMOTO E PINAZZA, 2007.)

A criança tem direito de ser reconhecida como sujeito de direitos individuais, como construtora de suas próprias culturas e, logo, participante ativa da organização de sua identidade, autonomia e competências através das relações e interações.

A professora da turma em questão, afirma que os alunos demonstram comportamentos complexos, a mesma relatou que a todo momento procura organizar regras para melhorar a convivência na sala, mas as regras são quebradas e o que prevalece é um diálogo insistente que desgasta o trabalho do professor. Com esse posicionamento da educadora, podemos entender o que Piaget (1984), diz sobre as regras, quando esclarece que “toda a moral em um sistema de regras é a essencial de qualquer moralidade está no respeito que o indivíduo adquire face a essas regras”.

No decorrer que os alunos iam terminando a atividade, os seus iam chegando para levá-los para casa.

Algumas considerações

O ato de educar, cuidar e brincar, devem ser totalmente entrelaçados na Educação Infantil e não dissociados. Deve ser um trabalho, de modo que as crianças recebam o cuidado de ser percebidas, ouvidas, respeitadas... E possam se divertir em seu processo de aprendizagem, como afirma Malaguzzi (1992 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, KISHIMOTO E PINAZZA, 2007), “é preciso deixar de lado o tédio da escola e viver com alegria dentro das instituições” (p. 285). No entanto, nessa sala de aula, era notório a desmotivação das professoras e conseqüentemente, dos alunos, pois durante as atividades, não foi possível perceber nas o prazer em estar naquele ambiente, também não foi percebido nenhuma proximidade de interação da professora com os alunos, fator fundamental na educação e principalmente, na educação de crianças. Através dos estudos teóricos entrelaçados com a observação realizada, também pudemos perceber o quanto um professor pode contribuir para o desenvolvimento de uma criança e o quanto o mesmo pode prejudicá-la, sendo uma profissão muito delicada, que não deve ser assumida por qualquer pessoa.

É necessário que na docência seja feita uma reflexão todos os dias sobre a prática, pois um professor reflexivo estará voltado para o aperfeiçoamento da sua prática, ampliação dos conhecimentos como professor, como Gandin (1993) diz que “o conhecimento não seja um rio, reto e perigoso, mas intrincada rede de córregos empapando a terra que povoam” (p. 9).

Diante disso, concluímos que a atividade de pesquisa em forma de observação possibilitou inquietações, surpresas, encantamentos e decepções. As poucas horas vividas no ambiente escolar contribuíram essencialmente para a nossa bagagem nesse caminho que escolhemos percorrer: a educação, o professorado. Portanto, a pesquisa nos possibilitou reflexões profundas sobre as ações dos sujeitos envolvidos no processo de educar-cuidar-brincar.

Referências

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, A. A importância da rotina na Educação Infantil. **Revista Fafibe**,(6), p. 1-7, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 01, de 13 de abril de 1999: **Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, p. 18, seção 1. 13 abr. 1999.

CAMPOS, Maria Malta. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação e Sociedade**, ano XX. N 68, p. 126-142, dez, 1999.

CORSINO. Patrícia. **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2002.

FEITOSA, Raimundo, M. M. **Revisão das diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FORMOSINHO, J.O; KISHIMOTO, T.M; PINAZZA, M.A. (ORGS). **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GANDIN, Danilo. **Planejamento Como Prática Educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MICARELLO, Hilda. Práticas pedagógicas e respeito à cidadania infantil. IN: SANTOS, José Jackson Reis; LEITE, Maria Iza Pinto de Amorim; PEREIRA, Sandra Márcia Campos. **A qualidade da Educação Infantil e os direitos da criança pequena**. Vitória da Conquista, UESB, 2013.

NONO, M. **Organização do Tempo e do Espaço na Educação Infantil–Pesquisas e Práticas**. UNIVESP, 2011.

_____. **VYGOTSKY – Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1993